

## **A AUTOARQUEOLOGIA COMO POSSIBILIDADE DESCRITIVA<sup>1</sup>**

**Gilmar Wiercinski<sup>2</sup>, Fernando Jaime González<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências/Mestrado – Unijuí

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Unijuí, gilmarwier@gmail.com;

<sup>3</sup> Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Unijuí, orientador, ffg@unijui.edu.br.

### **Introdução**

É consenso que o professor que reflete sobre o seu trabalho pode melhorar sua intervenção pedagógica. Esse olhar para dentro de si revela a necessidade de busca pelo entendimento sobre como acontece o processo educativo na relação consigo mesmo e com o outro. Segundo Nóvoa (1992, p. 27), “o profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo”. Mover-se ao desconhecido desafia e mobiliza para a descoberta investigativa. A possibilidade de rever a caminhada serve como perspectiva de mudança, mas também poderia ser pensado como uma forma de conhecimento para outros? Com este objetivo coloquei-me a investigar formas que poderiam me ajudar neste movimento onde o pesquisador tem como objeto a sua própria prática. O que se coloca é a tentativa de revisão e reconstrução não da minha vida pessoal, mas do meu trabalho, a minha prática curricular realizada ao longo do tempo, que sem ser dimensões separadas, não se confundem.

Nesta busca, fiz um mapeamento sobre as metodologias de pesquisa que tem como sujeito da investigação o próprio pesquisador. Nesse movimento, encontrei a autobiografia e a autoetnografia como possíveis desenhos teórico-metodológicos que poderiam auxiliar neste processo. Sobre a autobiografia, apresentei um trabalho no Salão do Conhecimento da Unijuí de 2014 com o título: A pesquisa auto-biográfica: uma introdução metodológica que ilustra esta tentativa.

Outra possibilidade investigada foram os estudos autoetnográficos que podem variar em sua ênfase de uma investigação para outra. Conforme Chang (2008, apud LOPES, 2012, p. 101), eles podem assumir uma vertente mais descritiva (grafia), podem descrever um contexto de prática que compartilha um grupo social (ethos), ou considerar os sentidos pessoais (auto), envolvidos em uma cultura passível de análise e interpretação. Segundo o mesmo autor o investigador é o próprio sujeito que perfaz a ação.

O estudo pretendido não encontrou sustentação necessária nos desenhos metodológicos mapeados por se tratar, no caso da autobiografia de uma descrição autorreferente, um falar de si, do pessoal e não sobre o trabalho. Enquanto, que a autoetnografia na sua ideia central se desenvolve a partir de um sincronismo entre as ações e os seus relatos e, portanto, não contempla a necessidade de falar sobre o passado.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

Neste sentido vou tentar construir uma forma metodológica capaz de descrever, revisar e reconstruir uma prática curricular a partir de outros pressupostos, algo próximo da arqueologia. Neste caso de uma autoarqueologia. Mas, vamos por parte.

Inicialmente, toca dizer que

A arqueologia, enquanto estudo da porção da cultura material, possui uma práxis e uma reflexão metodológicas próprias, ambas em construção, e cujas características, ainda embrionárias, justificam sua qualificação como um projeto de ciência da cultura material (FUNARI, 1988, p. 16). Na perspectiva de meu trabalho, é particularmente significativo entender a arqueologia desde o ponto vista da sua tradição, que estabelece que seu objeto de estudo “seriam as coisas, em particular os objetos criados pelo trabalho humano (artefatos), que constituiriam os ‘fatos’ arqueológicos reconstituíveis pelo trabalho de escavação e restauração por parte do arqueólogo” (FUNARI, 1988, p. 10). Em essa lógica, posso entender que minha prática curricular, vista como um processo de trabalho pode ser reconstruída mostrando as etapas por que passou ao longo do tempo, tendo como elemento fundamental suas formas objetivadas em falas, fotos, filmes, escritas, planejamentos e depoimentos de alunos, pais e professores.

Este movimento metodológico vou chamar de autoarqueologia. Essa nomenclatura metaforicamente busca descrever um processo caracterizado por um olhar voltado para os vestígios materiais produzidos pelo próprio pesquisador na produção do currículo, neste caso sobre o meu trabalho docente. Entendo que a materialidade das diversas formas de registros, produzidos ao longo da caminhada, permitem desenterrar práticas curriculares e refletir sobre seu estado primeiro e depois, de uma forma revisória, tentar restaurar/reconstruir criticamente seu sentido, contexto de produção e transformação.

Justificar uma investigação no campo educacional a partir do olhar autoarqueológico, possibilita falar de uma trajetória que pode ser reconstruída em cada etapa a partir da revisão da prática curricular e pedagógica. Ela está vinculada diretamente com a organização do conhecimento que trata a Educação Física nos anos finais do ensino fundamental.

A problematização da experiência profissional até aqui desenvolvida, passa pelo tipo de questões que se colocam sobre esta investigação. De acordo com Funari (1988, 26) “isto significa que as respostas que podemos obter dependem das questões que colocarmos ao objeto de estudo”. Importa aqui definir que qualquer investigação que será feita estará explícita ou implicitamente relacionada a uma concepção de educação e no meu caso, também, de Educação Física nos seus aspectos histórico, social, cultural e político.

A relação entre o que pretendo pesquisar (minha prática) e a minha relação com seus vestígios se aproximam ainda mais da arqueologia se considerarmos Funari (1988) quando fala sobre o deslocamento de unidades arqueológicas (estudo sobre as coisas) para unidades sociológicas (estudo da relação entre as coisas). Nesta perspectiva, se amplia o entendimento sobre arqueologia.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

O sítio arqueológico passa a ser, nessa perspectiva, uma fazenda agrícola escravista, uma casa camponesa, uma olaria cerâmica, ou seja, uma unidade funcional dentro de uma rede de relações significativas entre as unidades. Apenas através do sistema de assentamento, da dinâmica de relações entre olarias, fazendas, cidades etc., pode-se entender, além de sua função, o porquê da sua localização e como se inter-relaciona com os outros artefatos. Esta passagem do contexto arqueológico para o contexto cultural, no entanto, depende de uma postura metodológica por parte do arqueólogo, não apenas quanto aos seus objetivos, mas também quanto ao caráter específico da sociedade que ele procura atingir com seu estudo. (FUNARI, 1988, p. 27).

A partir desta citação podemos fazer uma analogia deste modo de pesquisa com a investigação sobre a minha prática curricular. Dentro da organização curricular, esta prática se apóia nas diversas unidades didáticas e suas inter-relações para dar conta do conhecimento sobre os temas da cultura corporal de movimento. O entendimento da importância de cada unidade se legitima na relação entre ambas e se percebe além da sua função, o porquê de sua presença e de que forma contribui no desenvolvimento desta prática curricular. A execução destas unidades didáticas respeita o contexto onde ela está sendo trabalhada e tenta fazer acontecer os objetivos propostos do componente curricular da Educação Física. Esta mesma prática pedagógica está atravessada por um contexto macrocurricular, por elementos e vestígios que não se encontram em papéis, mas nem por isso deixam de fazer parte e influenciar nesta prática. São as condições materiais que sustentam esta prática, as decisões de tempo e espaço das aulas, as formações continuadas, o regulamento interno da escola, tudo isso está vinculado aos vestígios que tem pautado minha prática.

#### Plano de reconstrução arqueológica

Neste plano de reconstrução, pretendo mostrar como vou contar minha prática curricular de treze anos de trabalho com a Educação Física Escolar. As etapas para realizar este trabalho irão observar critérios para melhor organização e entendimento das descrições. A ideia é iniciar um processo de reconstrução com um relato detalhado do planejamento dos últimos oito anos, algo estrutural e cronológico, mostrando continuidade e descontinuidades de conteúdos de um ano para outro a partir dos temas estruturadores (esporte, jogo motor, ginástica, lutas, práticas corporais expressivas, práticas corporais junto à natureza e atividades aquáticas). Esse percurso de oito anos contempla dois grupos de alunos que a cada quatro anos completaram a etapa dos anos finais do ensino fundamental (5ª a 8ª série).

Este movimento metodológico consiste em mostrar uma possibilidade de descrição de uma prática pedagógica e curricular organizada temporalmente. A forma metodológica (autoarqueologia) encontrada para a descrição respeita uma sequência lógica, possibilitando uma reconstrução da prática a partir dos vestígios materiais encontrados. O que tornou possível rever estes materiais foi a prévia organização de arquivos e pastas separadas cronologicamente, salvas e armazenadas no computador. As mais de 7000 pastas e arquivos com fotos, filmes, materiais didáticos e de planejamento, quando separados por ano, unidades didáticas, objetivos, conteúdos e formas avaliativas, concretiza uma fiel reconstrução de prática curricular.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

Fazer este esforço de reconstrução é dar sentido a cada um dos objetos produzidos nesse movimento curricular. Em cada material encontrado é possível fazer perguntas esclarecedoras. Uma fotografia encontrada estará sempre garantindo uma leitura dentro de um contexto interno e externo. O primeiro mostra o movimento da construção curricular do professor, e o segundo, o externo, diz do envolvimento curricular além da relação de sala de aula do professor/aluno, o que implica refletir sobre as relações da escola com a comunidade e órgãos mantenedores. Outros materiais trazidos neste exercício autoarqueológico, como planejamentos, materiais didáticos (apostilas) da mesma forma de uma imagem fotográfica, marcam presença importante neste método de pesquisa.

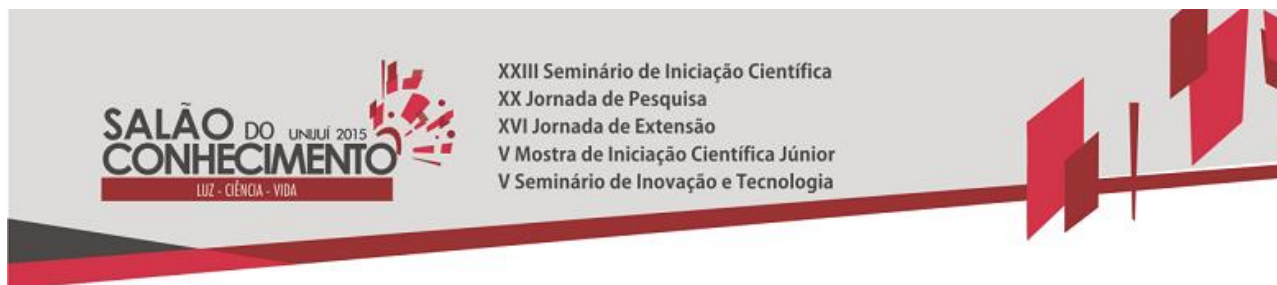
Nesta descrição do plano arqueológico, qualquer semelhança não é mera coincidência, pois quando falamos nas etapas e critérios observados para realizar a reconstrução de uma prática curricular, podemos associar aos sítios arqueológicos e suas delimitações de quadrículas para a escavação com suas diversas medidas (em m<sup>2</sup>). É assim que pretendo fazer com minha prática curricular, ou seja, delimitar anos de prática realizada e escavar, raspar, buscar neste momento, vestígios de objetos materiais mais recentes e depois aprofundar a escavação para tornar visível até elementos que não se colocam na sua concretude material, mas que de alguma forma influenciaram nas tomadas de decisões, nos erros e acertos da minha trajetória.

Acredito que começar a reconstrução pelos últimos materiais enterrados cria-se a possibilidade de fortalecer as lembranças recentes e estabelecer relações mais lúcidas dos outros materiais mais profundos. Mesmo considerando que estes nunca estiveram totalmente compactados a ponto de ser esquecidos.

**Palavras-Chave:** Metodologia; autoformação; prática pedagógica; prática curricular; educação física escolar.

**Referências Bibliográficas**

- FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaio o “novo” em Educação Física Escolar: a perspectiva de seus atores. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 33, p. 119-134, 2011.
- FUNARI, P. P. A. *Arqueologia*. SÃO PAULO: ATICA, 1988. 96p.
- GONZÁLEZ, F. J. Projeto curricular e Educação Física: o esporte como conteúdo escolar. In: REZER, R. (org.). *O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos*. Chapecó: Argos, 2006. p.69-109.
- LOPES, R. A. Semear-se (em) um campo de Dilemas: Uma autoetnografia de um professor de educação física principiante na Zona rural de Ivoti/RS. São Leopoldo, 2012. 311 p Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/RodrigoAlbertoLopes.pdf>> acesso em 15 maio. 2014.
- NASCIMENTO, R. F.; FENSTERSEIFER, P. E. ; GONZÁLEZ, F. J. Observação Como Método: Aprender Observando, Observar Aprendendo. In: XVII Seminário de Iniciação Científica, XIV



**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

Jornada de Pesquisa, X Jornada de Extensão, 2009, Ijuí. Anais XVII Seminário de Iniciação Científica, XIV Jornada de Pesquisa, X Jornada de Extensão. Ijuí: Editora Unijuí, 2009. V. 1.  
NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio (Org.) Vidas de professores. Porto: PortoEditora, 1992.